



PERCEPÇÃO DE JOVENS NEGROS UNIVERSITÁRIOS SOBRE SUA MASCULINIDADE: REPERCUSSÕES PARA A SAÚDE MENTAL

Palavras-chaves: MASCULINIDADE, HOMEM NEGRO, SAÚDE MENTAL

Autores:

GUILHERME BARBOSA DUMAS - FEnf

PROFESSORA DOUTORA DÉBORA DE SOUZA SANTOS - FEnf

Introdução

Diante do quadro de homens negros na graduação dentro das universidades existe a necessidade de trabalhar com estes para entender como enxergam as suas masculinidades e como os padrões sociais contribuem para o processo de sofrimentos e quais metodologias são usadas para o enfrentamento. O intuito foi entender melhor a saúde mental desse grupo, através de suas histórias e angústias, que por diversas vezes são silenciadas, para compreensão de suas questões e sofrimentos.

Todavia, observada as disparidades sociais e raciais que o jovem negro enfrenta no Brasil, somada a experiência adquirida com projetos junto à comunidade e conhecimentos adquiridos por estudos, focalizaremos esforços, desta vez, com o público universitários, faixa etária que diálogos com a campanha mundial da Organização das Nações Unidas (ONU), “Vidas negras”¹ e outros movimentos internacionais, como o “Black lives matter”, iniciado por ativistas afro-americanos nos Estados Unidos da América (EUA).²

Portanto, a pesquisa adentra o universo da saúde mental de jovens negros frente a sua masculinidade, possibilitando reflexões sobre a qualidade da saúde mental, principalmente quando se toma a definição do processo saúde-doença da Organização Mundial da Saúde, que desde 1947, amplia o conceito de saúde para “completo bem-estar físico, mental e social”³.

Considerando que o racismo estrutural influencia todo o processo de vida, do momento em que nasce até a sua morte, há inúmeros arquétipos e caricaturas dos homens negros: o sambista, o preto velho, o negro de alma branca, o malandro, o negrão, o favelado ou o crioulo doido são algumas das alegorias cotidianamente representadas aos brasileiros⁴.

Para o enfrentamento das diversas formas de sofrimentos frente ao racismo estrutural, o homem negro adapta-se ao padrão de violência e discriminação tomando para si uma masculinidade muito mais agressiva em comparação aos homens brancos, apresentando-se como uma figura historicamente bruta e hipersexualizada. Isso reforça a ideia de um homem viril, forte, valente, criminoso e possuindo todos os atributos para sanar desejos sexuais, de forma estereotipada, negativa e desumanizante⁵. Em contrapartida vemos também a tentativa de assemelhar-se ao estereótipo do homem branco, negando suas histórias e raízes, para ser mais aceito, através da performance da estética/ética branca, assim como abordou o filósofo e psiquiatra Frantz Fanon^{5,6}.

Diante desse cenário, o profissional de enfermagem na sua atuação pode contribuir estudando, compreendendo, e criando metodologias de enfrentamento dos impactos da masculinidade, o qual podem estar associados a vários prejuízos no bem-estar físico e mental, que conduz ao aumento do índice de suicídio, sintomas depressivos e outros problemas associados ao homem⁷.

Salienta-se que o projeto insere-se na área prioritária “Tecnologias para Qualidade de Vida”, setor “Saúde”, estabelecida pela Portaria nº 1.122, de 19.03.2020, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Portanto, os objetivos desta pesquisa são analisar as

percepções do jovem universitário negro sobre sua masculinidade e compreender as repercussões do racismo e do sexismo para a saúde mental dos jovens negros.

Metodologia

Tipo de estudo: Qualitativo, descritivo e exploratório, com foco na interpretação e compreensão dos seres humanos.^{8,13}

Sujeitos: A presente pesquisa resultou em oito entrevistas com universitários da cidade de Campinas/SP, que tinham entre 21 e 30 anos. Dentro da amostra apareceram pessoas de quatro cursos distintos: medicina, enfermagem, engenharia mecânica e economia, com capacidade de se comunicar verbalmente. Foram contatados e convidados através das mídias sociais, foi enviado o link de reunião gerado na plataforma Google Meet e o TCLE para assinatura virtual.

Coleta dos dados: entrevista gravada semi-estruturada guiada pelo entrevistador que conduziu o diálogo com um roteiro previamente estabelecido, mas com algumas adaptações de acordo com o curso da entrevista, por meio da plataforma Google Meet e transcritas na íntegra¹³.

Aspectos éticos: Em conformidade com a Resolução 466/124 que diz respeito à pesquisa envolvendo seres humanos, o projeto foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, antes da fase da coleta de dados. O projeto foi aprovado com o número do CAAE: 56318322.8.0000.5404. Os princípios éticos de sigilo, privacidade e anonimato foram preservados.

Análise dos dados: A análise e interpretação das entrevistas foi realizada por meio da técnica da Análise de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), metodologia proposta no final da década de 1990 por Lefèvre e Lefèvre, empregada para organizar os dados obtidos na entrevista. O DSC utiliza quatro figuras metodológicas ou operadores do DSC chamadas Expressões-Chave (ECHs), Idéias Centrais (ICs), Ancoragem (AC) e o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)⁹.

Resultados

Seguindo a metodologia, foi elaborado um quadro com a matriz de ancoragem dos discursos do sujeito coletivo (DSC).

Quadro 1 - Matriz de Ancoragem DSC

Unidades temáticas / Ancoragem	Unidades de contexto/ Idéias centrais	Expressões-chave (exemplos)
Ser homem e masculinidade negra	<ul style="list-style-type: none"> ● Homem e masculinidades ● Homem negro e masculinidade negra 	<ul style="list-style-type: none"> ● “Como homem, como eu comentei, existem vários privilégios que eu tive e tenho, mas como um homem negro eu acho que minha vida é uma pouco diferente, ou muito diferente.” ● “homens muitos sertanejos, muito aqueles estereótipos de novela da Globo” ● “o meu entendimento de ser um homem negro na sociedade, assim de forma coletiva, é você simplesmente ser um homem descartável.”
Arquétipos e desumanização do homem negro	<ul style="list-style-type: none"> ● Homem negro como violento e viril ● Homem negro como não confiável 	<ul style="list-style-type: none"> ● “pessoas periféricas, pobres, de baixas instruções, colocando mais termos aí com uma conotação racista, agressivas”

	<ul style="list-style-type: none"> • Homem negro como símbolo de sexo “sujo” • Animalização 	<ul style="list-style-type: none"> • “masculinidade um dos fatores que está ligada ao homem é a questão da virilidade, da potência sexual e tudo mais.” • “mas uma visão de homem negro ser sujo”
Sofrimentos e masculinidade negra	<ul style="list-style-type: none"> • Solidão do homem negro • Angústia, exaustão e revolta. • Silenciamento e apagamento em ser negro • Excesso de responsabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu nunca tive duvida que sou negro, e depois que eu entrei na unicamp, ainda mais, porque eles não deixam a gente esquecer, em nenhum momento, de nos colocar em nossos lugar.” • “como uma arma de forma racista para excluir os negros do espaços em que eles estão.” • “Eu nunca vou ser ouvido igual esses homens são, porque são espaços brancos”

Fonte: Própria (2022).

Discussão

A identificação de três ancoragens por meio da análise do discurso: 1) ser homem e masculinidade negra; 2) arquétipos e desumanização do homem negro; e 3) sofrimentos e masculinidade negra, apontam que o homem negro tem sua masculinidade bem definida através dos estereótipos da negritude, que desumanizam. O resultado disso é uma constante luta pessoal para se distanciar das suas origens, a fim de conseguir estar nos lugares que não são permitidos à sua negritude.

Vale ressaltar que a figura do homem é pré-estabelecida ditando como esse deve ser. Existe um manual construído sobre o pacto dos homens que orienta o comportamento masculino frente ao mundo, o qual reforça a sua virilidade ¹⁰. Ademais o padrão de masculinidade, como o líder da família, sempre foi muito marcado ao longo da história pelo cristianismo, contudo é importante lembrar que as religiões cristãs foram difundidas e solidificadas pelos romanos em toda Europa, dessa maneira homens branco europeu ficou marcado como o padrão de homem ideal para constituir família, e não os homem negro ¹¹.

Toda essa herança sobre a masculinidade leva o homem negro a não saber quem é de fato, pois para se sentir aceito e pertencente a algum grupo ele começa a fazer as representações desses papéis de maneira inconsciente. Alguns vão se aproximar cada vez mais de grupos marcados por esse perfil de masculinidade forte e outros, por sua vez, vão ganhar características marcantes de sua feminilidade, ou ainda buscar se assemelhar cada vez mais ao padrão idealizado de masculino. Entretanto, essa forma mais harmoniosa faz com que os homens sejam considerados fracos, menos desejados, ou seja, como traz Zanello ¹⁰, homens menos viris.

Em relação aos arquétipos que aparecem, observa-se a ideia do homem negro como “selvagem”, na sua manifestação social ou no homem negro “domesticado”, que possui atributos que a branquitude tolera. O processo de desumanização do negro é construída desde o primeiro contato dos brancos colonizadores com a população africana, com o propósito explícito de dominação e exploração de seus corpos. A tentativa de classificar esse outro ser humano, trouxe a ideia de raça, assim como a hegemonia de uma sobre a outra. ¹²

Nesse sentido, uma alegoria bem representada também pelas mídias sociais é a figura do homem negro ignorante ¹⁰, assim como as outras definições de arquétipo apresentado. É esperado também dessa população a não escolarização. Novamente trazendo a ideia aqui de que o homem preto é apenas um agente, que serve para reproduzir ações e tarefas manuais, sem a necessidade de pensar e refletir sobre.

O corpo do homem negro, sempre chamando a atenção, é atribuído da hipersexualização. A exigência desse homem ter um órgão genital acima da média e que tenha um sexo violento faz com que viva a dualidade de reafirmação da sua virilidade ou ter a sua masculinidade questionada ¹⁰. O mesmo ocorre

quando demonstra sinais de admiração ou afeto a outras pessoas, ele passa a ser descrito tendo sinais de fraqueza, perdendo a oportunidade de ser visto de forma afetiva por alguém ¹³.

Uma outra percepção bem marcada para os universitários é o que a sociedade espera deles enquanto estudantes de curso superior. Ou seja, estes quando nascem recebem uma bagagem de expectativas muito bem delimitadas sobre o seu processo de vida na terra. Outro esteriótipo é o da violência desse homem negro, acusado de ser agressivo, silenciador, constrangedor e bruto ¹³. Além de ser marcado sempre como um ser não confiável, que vai ser apontado quando qualquer coisa anormal acontecer próximo. Ou então, sentido-se evitado em diversos lugares.

Todos esses arquétipos são muito bem representados pelas mídias, pelas músicas, pelas histórias. Sendo que estas são, muitas vezes, a única forma de referência da figura masculina negra. Vale ressaltar que a representatividade, para uma pessoa em formação, é extremamente importante para que ela consiga ter planos positivos de vida ^{4,14,15}.

Diante das construções sociais de significados do ser homem, das masculinidades e da negritude, entender as percepções de jovens negros universitários sobre sua masculinidade e as repercussões para sua saúde mental é importante para que possamos construir estratégias de enfrentamento. Quando observamos a população de homens negros na universidade, vemos em diversos momentos a presença do sofrimento, da solidão, do não pertencimento, assim como o do não lugar e da responsabilidade excessiva.

Essa solidão, soma-se ainda com a falta de referências masculinas que muitas vezes vem desde a falta da figura paterna no início da sua vida, ou de figuras masculinas para espelharem sua construção de ser homem, pelo fato de serem isolados do meio que vivem devido a violência local. Importante notar que a falta da figura paterna também contribui para um distanciamento do afeto entre os homens, e a falta de afeto de pai para filho. A falta de afetividade dentro do mundo masculino inicia na infância, mas não termina nesse momento, tal questão o acompanha ao longo de sua vida, contribuindo muitas vezes para se aproximarem de arquétipos de violência, isolamento ou de silenciamento de maneira mais sutil, mas diariamente ¹⁶.

Frente esses reflexões, nota-se que o homem negro vive em uma constante angústia, a qual pode-se ser interpretado como atribuído de dor, designar desprazer e perigo, devido a um inconsciente sufocado pelo sistema de pré-consciente ¹⁷.

Considerações finais

Frente às ancoragens desta pesquisa é muito importante a reflexão e a propagação da ideia sobre as diversas formas de expressão da masculinidade. A masculinidade faz com que as pessoas explorem esse mundo, que pode sim ser diversos. Todos os humanos vivem com suas masculinidades intrínsecas a si, na manifestação do seu gênero, principalmente no mundo onde os papéis de gênero e as relações afetivas e sociais estão cada vez mais em desconstrução e reformulação. Portanto, também se faz necessário romper com a padronização da definição de masculinidade, que por vezes é tida como tóxica e estereotipada negativamente. Desse modo possibilitando o homem negro explorar, sem julgamento, a sua masculinidade.

Referências

- 1 Brasil. Campanha vidas negras. Nações Unidas Brasil. 2017. Disponível em: <http://vidasnegras.nacoesunidas.org/>. Acessado em: 21 nov 2022.
- 2 Watson, D; Hagopian, J; Au, W. Teaching for black lives. Washington: Rethinkings Schools, 2018. 382p.
- 3 PAHO. Indicadores de saúde: Elementos Conceituais e Práticos. Organização Mundial da Saúde. Washington, D.C. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/hq/index.php?option=com_content&view=article&id=14401:health-indicators-conceptual-and-operational-considerations-section-1&Itemid=0&limitstart=1&lang=pt. Acessado em: 21 nov 2022.
- 4 Patrimônio Cultural. Arquétipos e caricaturas do negro no cinema brasileiro. Portal Geledés. Brasil. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/arquetipos-e-caricaturas-do-negro-no-cinema-brasileiro/>. Acessado em: 21 nov 2022.

- 5 Ito, C. Negro Drama. Trip New. Brasil. 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/masculinidade-negra-ser-homem-negro-no-brasil-e-conviver-com-uma-serie-de-estereotipos-que-envolvem-genero-raca-e-classe-social>. Acessado em: 21 nov 2022.
- 6 Fanon, F. Pele negra, máscaras brancas. /Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador. EDUAFBA, 2008. p. 194.
- 7 Patrick S, Robertson S. Foco Clínico normal Saúde mental e bem-estar13: enfoque na saúde do homem. British Journal of Nursing VOAR. 25, NO. 21. 2016 Disponível em: <https://www.magonlinelibrary.com/doi/full/10.12968/bjon.2016.25.21.1163>. Acessado em: 21 nov 2022
- 8 Piovesan A; Temporini I, Edméa R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 29, n. 4, p. 318-325, Aug. 1995
Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 nov 2022.
- 9 Lefevre F, Lefevre AMC, Marques MCC. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 14, n. 4, p. 1193-1204, Aug. 2009
- 10 Zanello V. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. 1ª ed. Curitiba. Appris. 2018.
- 11 Acho E. Conversas desconfortáveis com um homem negro. Tradução de Marina Vagas. São Paulo. LeYa Brasil. 2021. p. 83.
- 12 Munanga K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. [internet]. Brasil. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acessado em: 21 nov 2022.
- 13 Bola JJ. Seja Homem: a masculinidade desmascarada. Tradução de Rafael Spuldar. 2 ed. Porto Alegre. Dublinense. 2020. 176 p.
- 14 Ribeiro D. Pequeno Manual antirracista. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.
- 15 Volp S. Homens pretos (não) choram. 1 ed. Rio de Janeiro. Herper Collins. 2022. 224 p.
- 16 Cipó R. Da solidão de homens negros que, sozinhos, encontram a morte. [Internet]. Brasil. Site Elástica. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/solidao-homens-negros-morte-roger-cipo/>
Acessado em: 21 nov 2022.
- 17 Ramos GA. Angústia e Sociedade na Obra de Sigmund Freud. 1 ed. Campinas. Editora Unicamp. 2003